Parte 2 – Facebook: usos no ensino superior e na formação continuada de professores

Misturar, inventar, acreditar: possibilidades de formação continuada no Facebook

Maria Cristina Paniago Lopes
Rosimeire Martins Régis dos Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LOPES, MCP., and SANTOS, RMR. Misturar, inventar, acreditar: possibilidades de formação continuada no Facebook. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 275-292. ISBN 978-85-7879-283-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Misturar, inventar, acreditar

possibilidades de formação continuada no Facebook

Maria Cristina Paniago Lopes

Rosimeire Martins Régis dos Santos

Introdução

A formação continuada tecnológica originou-se de um desabafo de uma professora indígena terena que afirmava a inexistência de um espaço de discussão, na escola a qual está inserida, sobre as tecnologias educacionais e suas implicações na prática docente. A partir de tal desabafo, participantes do grupo de pesquisa GETED propuseram uma formação continuada que se iniciou no ano de 2011.

Os participantes da formação são professores e alunos pesquisadores de uma Universidade privada do Estado de Mato Grosso do Sul e professores de uma escola indígena do distrito de Taunay, município de Aquidauana, em Mato Grosso do Sul.

A referida formação combina momentos presenciais e virtuais. Neste artigo, fizemos um recorte voltado apenas às interações realizadas no *facebook*. Em 2012, constituiu-se este grupo na rede social intitulado “Formação continuada tecnológica: Linguagens, Saberes e Interculturalidade”.

A formação continuada no *facebook* atende aproximadamente 08 professores indígenas e oito professores não indígenas e tem como objetivo abrir espaço para reconstrução e ressignificação de concepções sobre teorias e práticas docentes relacionadas às tecnologias de informação e comunicação e redes sociais inseridas no contexto educacional.

A formação continuada não têm um currículo fechado, ela desenvolve de acordo com as necessidades e características dos participantes do grupo. O movimento na rede social *facebook* define caminhos para o grupo seguir, de acordo com as dificuldades e possibilidades que os professores enfrentam no seu dia a dia com a inserção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no contexto educacional.

Optamos por uma abordagem teórica metodológica de pesquisa qualitativa sob a forma de etnografia virtual, utilizando uma combinação de geração de registros, como captura de diálogos, links, imagens, textos e interações entre os participantes do grupo

Buscamos como opção a etnografia, como tipo de pesquisa de abordagem qualitativa, sob a forma de etnografia virtual (HINE, 2000), termo que tem sido usado para pesquisar redes sociais on-line estabelecidas em diversos suportes. Vale ressaltar que a mesma autora reforça que a etnografia virtual analisa as práticas sociais na Internet e o sentido destas para os participantes. Portanto, entendemos que por meio dela é possível estudar as relações de um grupo humano em processo de formação continuada em um contexto intercultural mediada pela rede social *facebook*, evidenciando suas implicações e possibilidades.

Ainda Hine (2000) define como base fundamental da etnografia a necessidade de o pesquisador se aprofundar no mundo que estuda por um determinado tempo, entendendo que as relações se formam com quem participa dos processos sociais. É interessante mencionar aqui, como reflexão, utilizando o termo etnografia virtual, que o pesquisador se agrupa à comunidade que está sendo pesquisada e o campo de pesquisa é agora o texto, a imagem, o

vídeo e áudio, a tela e o grupo de pessoas envolvidos na comunidade, tudo podendo ser capturados na tela do computador.

Assim, pensamos que a etnografia virtual traz as crenças, práticas, artefatos e conhecimentos compartilhados pela cultura que está sendo estudada.

Recorrendo a Frago, Recuero e Amaral (2011, p. 67), reforçamos a ideia da abordagem qualitativa que visa “uma compreensão aprofundada e holística dos fenômenos em estudo e, para tanto, os contextualiza e reconhece seu caráter dinâmico, notadamente na pesquisa social”.

O viver junto na rede: misturar “o olhar das relações interculturais”

Autores como Canen e Moreira (2001), Candau (1998) e Fleuri (2000; 2003) defendem uma proposta de formação de professores/as fundamentada na perspectiva intercultural; acreditam que somente com uma formação voltada para a diversidade cultural, professores/as podem colaborar para desestabilizar o papel homogeneizador da cultura escolar e eliminar o preconceito e a discriminação na escola e na sociedade. Segundo Fleuri (2003), a perspectiva intercultural de educação não se caracteriza como uma disciplina a mais no currículo de formação do/a professor/a, mas sim como um meio para pensar, propor, produzir e dialogar com as relações de ensino e aprendizagem.

Para Almeida (2007, p. 27), a construção de diálogo é o “exercício de falar e estar aberto para ouvir o outro, reconhecer a si mesmo, expor opiniões, identificar a singularidade do outro pelo diálogo, trocar ideias e respeitar a diversidade [...]”.

Pensar uma formação continuada de professores em contexto intercultural mediada pela rede social *facebook* é possibilitar os sujeitos em formação produzir e dialogar mediados pelas TIC e agregar novos sentidos à formação e a prática docente.

Para Capelo (2003), a escola atual não cumpre seu papel de instituição social: não prepara alunos/as para viverem na diversidade cultural, não lhes facilita o contato com as experiências, os costumes e as formas de pensar dos diversos grupos sociais. Por isso, professores/as necessitam ser preparados para aprender a conviver com diferenças culturais, reconhecer valores e compreender a importância da interação entre culturas no processo de construção de conhecimentos.

Partindo do entendimento que o mundo contemporâneo exige novas e múltiplas formas de compreender e interagir no mundo, precisamos pensar em construir processos de negociação entre as culturas valorizando os seus conhecimentos e proporcionando aprendizagem mútua entre as pessoas e ao pensar sobre novas perspectivas de formação continuada para atender essas exigências, buscamos Candau (2003). A autora ao se referir à formação continuada afirma que:

[...] não pode ser concebida como um processo de acumulação (de cursos, palestras, seminários etc., de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal e profissional, em interação mútua. E é nessa perspectiva que a renovação da formação continuada vem procurando caminhos novos de desenvolvimento. (CANDAU, 2003, p. 64-65).

Cabe ressaltar a importância das relações interculturais no processo de ensinar e de aprender, principalmente no contexto das redes sociais, onde podemos nos abrir para o “viver juntos”: questionando, problematizando, discutindo, socializando diferentes experiências. Quando pensamos nesta reorganização, não nos

referimos a uma inserção das TIC e redes sociais descomprometida, descontextualizada e acrítica. Referimo-nos a uma reconceitualização que envolva reflexões sobre a formação continuada, sobre suas potencialidades, implicações dentro de um contexto histórico, político, social e cultural.

Os ambientes digitais de aprendizagem estão se expandindo para além dos computadores. “Novas formas híbridas – computadores portáteis, *palms*, agendas eletrônicas, telefones celulares de última geração, relógio de pulso, etc [...]”. (KENSKI, 2007, p. 120). Tudo junto, também nas TIC e Redes Sociais: Escolas reais em ambientes virtuais. Com todas essas possibilidades de equipamentos e interfaces tecnológicas, não podemos negá-las no contexto educacional e aproveitá-las a nosso favor no sentido de aprender em rede, vivendo relações interculturais e formações permanentes.

O inventar “estratégias para/na formação”: professores no Facebook

As estratégias que emergem no grupo do *facebook* permitem dialogar com os membros do grupo, dando voz, ou seja, possibilitando que todos expressem sua posição quanto ao convívio na sociedade, criando alternativas próprias de aprender uns com os outros. Muitas vezes, essas interações são fortalecidas com traços e manifestações culturais.

Nossa busca por problematizar a formação continuada de professores em meio ao ciberespaço nos tem levado ao encontro de ideias que criem estratégias de comunicação, partilha e trocas para enriquecer nossa aprendizagem. Uma das ideias concretizadas foi a postagem de um livro aberto, em branco, onde todos poderiam expressar seus saberes, conhecimentos, valores, dificuldades e práticas cotidianas. As postagens comentadas na imagem do livro, figura 1, oportunizaram aspectos para pensar sobre nossas ações nos diferentes espaços/tempos de formação.

Figura 1 – estratégia postada no *facebook* – Livro aberto

Fonte:

As reflexões produzidas a partir da figura 1, inquieta-nos a pensar sob uma perspectiva intercultural, a acolher o olhar do outro e refletir sobre o contexto vivenciado na escola indígena, possibilitando-nos uma reflexão sobre as dificuldades e limitações de infraestrutura tecnológica que é negada no espaço escolar dos professores participantes da formação. Essas reflexões implicam uma reeducação do aprender, do ouvir o outro, de respeitar os demais com suas dificuldades, de dar oportunidades às pessoas. As falas dos professores terenas indicam que não se trata apenas de criar condições para que os professores utilizem o computador, mas sim a importância de auxiliá-los a fazerem do computador um recurso útil ao desenvolvimento de metodologias que contribuam com o processo de ensino e aprendizagem.

Os comentários expressos nas falas dos professores proporcionam momentos de reflexão coletiva, a partir de situações concretas

que se manifestam no cotidiano escolar, como exemplificados nos depoimentos¹ a seguir:

[...] livro, estou tentando aprender manusear esta ferramenta (Professora A)

Olá, professora A, que bom encontrar você nessa rede/ferramenta, descobrindo e aprendendo. Abraços, (Professora B)

[...] essa ideia de escrever nas páginas desse livro, achei interessante por pouco tempo de eu estar participando desses encontros presenciais da formação continuada tecnológica dos professores aí no [...] aqui em [...] onde eu estou lecionando, está sendo muito útil para mim e para os meus alunos, mas ainda tenho dificuldade de manusear essa ferramenta. O que eu aprendi com vcs foi muito bom. Pq hj nós vivemos num mundo de tecnologias. Nós os professores temos que interagir ou compartilhar as nossas experiências com outros profissionais da educação utilizando essa ferramenta. É uma das maneiras para que possamos adquirir mais conhecimentos. (Professora C)

Olá, Professora C, você pode relatar para nós quais são as dificuldades para manusear a ferramenta? Estamos a disposição para contribuir e trocar experiências. Abraços, (Professora B)

1 Os depoimentos foram transcritos sem qualquer alteração e os nomes dos professores identificados por letras são fictícios no sentido de manter o anonimato dos participantes da formação.

Gostaria de expressar, escrever que estamos iniciando um novo ano letivo. E que também podemos estar abertos para novas aprendizagens e que podemos refletir, escrever e/ou reescrever uma história nova ou diferente. Refletir quem eu sou como professor? Como as tecnologias podem contribuir para a minha prática pedagógica? Que história posso escrever neste livro relacionada ao uso das tecnologias nas minhas aulas? (Professora E)

É fundamental estarmos sempre abertos às novas metodologias de ensino, porém é preciso adequá-las de acordo com cada realidade. As novas tecnologias se usadas de forma correta, com objetivos bem elaborados, com seriedade e responsabilidade, seja da escola, professores e alunos, poderão contribuir muito para o aprendizado. (Professora F)

O que se observa nesses depoimentos é o que Candau (2010) defende sobre diálogo intercultural, ou seja, a formação continuada proporciona momentos de reflexão coletiva, promovendo processos sistemáticos de interação com os “outros”, sem caricaturas, nem estereótipos.

Dessa forma, as relações estabelecidas com os professores oportunizaram ampliar os nossos modos de ver, de escutar e de refletir sobre o que o grupo têm a nos dizer e mostrar e compreender as relações estabelecidas na formação. Discussões sobre a complexidade da escola, o processo de ensinar e aprender, as dificuldades, as limitações de uso do computador aparecem como depoimentos dos professores. Eles compartilham a necessidade que têm e interagir com as TIC para avançar e acompanhar os avanços tecnológicos em suas práticas pedagógicas, apesar da dificuldade para manusear as ferramentas. Além disto, evidenciam a necessidade de um

planejamento de uso das TIC no contexto educacional de maneira crítica e articulada ao contexto em que estão inseridos.

Outro depoimento conta-nos o que vivem e partilham, no dia-a-dia da escola.

[...] pena que nossos alunos não possam ter acesso de forma concreta a essa ferramenta. Todas as escolas deveriam ter uma sala de tecnologia acessível para que nossos alunos pudessem participar com mais frequência das atividades, muitas vezes propostas pelas novas metodologias de ensino. (Professora E)

Essas interações, proporcionadas pela estratégia do livro aberto no *facebook*, possibilitam um ambiente de significações, uma reconstrução reflexiva e crítica da realidade a qual o grupo de formação vive, como, por exemplo, a situação de não acesso às TIC, revelando uma certa invisibilidade do grupo por parte do poder público. Sabe-se que a escola é um dos lugares mais importantes de legitimação do conhecimento e o acesso às TIC e à internet na prática educativa possibilita ampliar, atualizar, pesquisar, compartilhar informações e conhecimentos. A escola conectada possibilita outras formas de ensinar e aprender. Na ausência dessas possibilidades de uso desses recursos pertinentes e fundamentais pelos alunos, professores, escola e a comunidade, leva-nos a pensar o grupo perde com a falta de contato com o ciberespaço que, de acordo com Santos e Santos (2013), um potencializador de infinitas ações interativas, um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de reconfiguração.

Mesmo com dificuldades de acesso à internet e aos computadores na escola, os professores buscam estratégias para driblar tais situações, tanto em relação à prática docente como à própria formação continuada. Segundo a professora F, “Apesar das dificuldades da net, estamos tentando acompanhar o curso da melhor forma

possível [...] é uma formação dos professores indígenas através do uso da tecnologia em sala de aula. [...]”. Além disso, ela acredita que os alunos esperam muito da escola e dos professores, principalmente no que se refere à inovação: “ [...] acredito q temos uma oportunidade e tanto para aperfeiçoarmos as nossas aulas para os nossos alunos Terena, como sempre temos debatido em nossas reuniões pedagógicas de que a Escola é centro de tdo e os alunos esperam muito de nós Professores então porq....não inovar? os alunos nos esperam [...]”. Portanto, o criar estratégias na/para a formação refere-se também ao aprender não só do professor, mas principalmente do aluno.

O acreditar “nas possibilidades da rede social para troca de experiências e aprendizagem entre culturas”

Consideramos pertinente destacar a concepção de rede social destacada por Recuero (2009, p. 69): “uma rede social é sempre um conjunto de atores e suas relações”. Ainda afirma a autora que redes são dinâmicas e estão sempre em transformação. Essas transformações em uma rede social são largamente influenciadas pelas interações. As pessoas estão adaptando aos novos tempos, utilizando a rede para formar novos padrões de interação e criando novas formas de sociabilidade e novas organizações sociais.

Kenski (2007) pontua que surgem outras maneiras de se fazer educação, pois surgem novos papéis novas formas de relacionamento, novas oportunidades e resultados tanto para professores quanto para alunos. Nesse sentido, Bressane (2006) alega que a nova realidade educacional precisa ser:

conhecida, vivenciada e apreendida criticamente pelos educadores. É preciso que todos possam ter a necessária fluência e compreensão do ensino mediado pelas tecnologias de

informação e comunicação e outras redes para saber melhor aproveitá-las em suas atividades rotineiras de ensino, para ousar e transformar. (BRESSANE, 2006, p. 130).

Assim, para a necessária fluência, compreensão e apropriação das TIC e redes sociais na educação não podemos deixar de acrescentar, também, as disparidades e diferenças regionais. Como formar cidadãos críticos tecnologicamente sem condições mínimas de acesso às TIC e internet?

Por outro lado, cabe a nós educadores desafiar os percalços e ousar mudanças nos espaços tradicionais de nossas salas de aula. Para Kenski (2007, p. 90), “o professor, em um mundo em rede, é um incansável pesquisador. Um profissional que se reinventa a cada dia, que aceita os desafios e a imprevisibilidade da época para se aprimorar cada vez mais. Que procura conhecer-se para definir seus caminhos, a cada instante”. A formação dos professores em ambientes virtuais não pode ser vista “como pontos de chegada, para confinamento e permanência de alunos e professores, reproduzindo no espaço virtual o mesmo perímetro restrito das salas de aula tradicionais”.

Os pesquisadores Watts (2003) e Thacker (2004) defendem que as redes sociais são dinâmicas e vivas. Não existem redes estáticas, paradas no tempo e no espaço, pois sofrem mudanças constantes e variáveis. Portanto, há necessidade de movimentos decorrentes das interações constituídas por nós individuais e coletivos.

Na concepção de Okada (2011, p. 12), as redes sociais podem ampliar suas construções coletivas do conhecimento, quando coaprendentes aprendizes, educadores, pesquisadores e profissionais contribuem com novas coautorias de produções abertas, feedback coletivo compartilhado.

Acreditamos, portanto, que é importante que o professor tenha tempo e oportunidades de familiarização com as TIC e redes sociais, suas possibilidades e limites para que, na prática, faça escolhas

conscientes sobre o uso mais adequados ao processo de ensino e da aprendizagem de um determinado tipo de conhecimento, em um determinado nível de complexidade, para um grupo específico de alunos e no tempo disponível.

A formação dos docentes tem sido desafiada a repensar suas práticas, principalmente no que se refere à forma como a atual geração vem se desenvolvendo. Esta reflexão tem sido provocada pela nova geração que, desde cedo, tem contato com as diferentes TIC e redes sociais, as quais vem proporcionando novos espaços e novas formas de aprender. Por isso, os professores buscam compreender como ocorrem os processos de ensino e de aprendizagem, de forma a potencializar a própria ação docente em espaços na rede, virtual. Essa necessidade de repensar os processos de formação e de capacitação docente torna-se ainda mais premente ao experienciarmos o movimento da sociedade conectada, em rede, a era das relações e das interações virtuais.

Rodrigues, Maraschin e Laurinho (2008, p. 237) discutem as potencialidades de proposições de formação continuada de professores que se produzem por meio de redes de conversação acopladas a tecnologias digitais e apontam as redes virtuais como espaço de interação com diferentes formas de linguagem, que podem se configurar ou vir a ser outro local de aprendizagem na formação de professores, pela possibilidade de convivência com o outro em distintas redes de conversação. Para compreender o processo de formação de professores em uma rede de conversação, torna-se necessário desenrolar e retramar os fios que tecem as diferentes redes de conversações, possibilitando a interlocução dos saberes docentes, uma vez que os professores continuam sendo os principais atores e responsáveis por sua formação contínua.

A Thurler (2002) evidencia a individualidade dos professores que não se percebem sujeitos de seus saberes e suas práticas. Mesmo trabalhando com redes coletivas, alguns estudos como de Nóvoa (1995), formação reflexiva (SCHÖN, 1995; ZEICHNER, 2009; PORLÁN e RIVERO 1998), saberes docentes (TARDIF et al,

1998), identidade e competências dos professores (PERRENOUD, 1993, 2002) e inovações na escola (THURLER, 2001, 2002), ainda apontam como os professores se sustentam na individualidade, ao enxergarem o que fazem e o que querem e de não perceber que o que fazem é que os produz. Compreender a formação em rede, nesse sentido, possibilita pensar com o outro. E, compartilhando, expondo e escutando crenças, saberes, significados e estudos pode ser uma postura à significação e ressignificação.

A prática reflexiva e a profissionalização interativa podem ser promovidas em tipos de formação que priorize formas de interação e de cooperação entre pesquisadores, formadores, professores e outros atores do espaço escolar, além de poder estimular a sinergia das competências profissionais (THURLER, 2002), abrindo espaço para dimensões coletivas e cooperativas.

Esses posicionamentos permitem inferir a ideia que é possível ocorrer uma formação em rede que sustente os professores como sujeitos no seu coletivo, permitindo-lhes interagir, construir relações sociais e ressignificar os seus conhecimentos e saberes a partir do diálogo entre culturas com pessoas conectadas com as mais diversas tecnologias. Afinal, vive-se em mundo onde as tecnologias de informação e comunicação e redes sociais estão cada vez mais presentes e a utilização das TIC por parte do professor pode ser um potencial na educação desde que este profissional esteja preparado para o uso adequado dos recursos tecnológicos, transformando estas em instrumentos de socialização do conhecimento e da informação.

Acreditamos que as tecnologias, tal como a Internet e as redes sociais, oferecem possibilidades de transformação em nossas relações com os outros e que a conectividade que elas proporcionam é central no nosso dia a dia. Novas maneiras de estar juntos emergem nos ambientes virtuais, propiciando diferentes possibilidades de produzirmos conhecimentos que sejam pertinentes e adequados à realidade contemporânea na qual estamos inseridos.

Por outro lado, ao ser uma rede social, em que trocamos ideias com outros integrantes, ela permite que tenhamos diferentes formas

de organização do pensamento, e com esta interação aprofundemos os conhecimentos, possibilitando aos integrantes da rede, alcançar liberdade para ir e vir, navegando nas informações disponíveis a qualquer momento, em qualquer lugar, aperfeiçoando conteúdos em constante formação.

Percebemos que é possível ocorrer uma formação continuada de professores em rede social, permitindo-lhes interagir, construir relações sociais e ressignificar os seus conhecimentos e saberes a partir do diálogo entre culturas com pessoas conectadas com as mais diversas tecnologias.

Esse grupo de formação continuada com professores e alunos pesquisadores e professores indígenas respeitam as aprendizagens, conhecimentos e valores que são carregadas de significados e de grande sentido para os sujeitos.

Sentimos que o contato, o diálogo e a interação com grupos culturais diferentes, como afirma Candau (2010) obriga-nos a repensar práticas pedagógicas com um processo de negociação cultural. Dentro desse entendimento, quando grupos distintos entram em contato, muitas vezes nos deparamos errando, mesmo pesquisando, observando e estamos aprendendo na prática. Assim, “a gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática” (FREIRE, 1991, p. 58). Como afirma em um post do *facebook* “realmente aprendemos praticando; conhecendo realidade dos alunos e pesquisando” (professora E).

Nessa dinâmica de **misturar, inventar e acreditar** que vamos, no coletivo, reinventando, desconstruindo e construindo outros modos de pensar e fazer a formação continuada. Movidos pelo coletivo, podemos ampliar maneiras de ver, recriar, significar saberes e fazeres vividos e praticados no cotidiano da escola. Temos nos desafiado viver esta prática de formação intercultural, de pensar com o outro, de reconhecer e valorizar o que os professores pensam e praticam em seus cotidianos e isso nos têm permitido tornarmos mais abertas às experiências do duvidar, do questionar, do indagar.

Referências

ALMEIDA, M.E.B. *Integração de Tecnologias à Educação: Novas Formas de Expressão do Pensamento, Produção Escrita e Leitura*. In: ALMEIDA, M.E.B., VALENTE, J.A. (org). **Formação de Educadores a Distância e Integração de Mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007, p.159-169.

ASSERMAN, S. e FAUST, K. **Social network analysis**. Methods and applications. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007.

BRESSANE, Tais Bittencourt da Rocha. **Processos e Produtos no Ensino de Construção de Hipermídia**. São Paulo: PUC, 2006. 280p. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

CANDAU, Vera Maria. Formação Continuada de professores: tendências atuais. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Magistério: Construção Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CANDAU, Vera Maria. *Interculturalidade e educação escolar*. In: **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, 1, Águas de Lindóia. Anais II. Águas de Lindóia, SP: Vozes, 1998, p.178-188.

CANDAU, Vera Maria. *Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica*, In: CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flavio (org.), **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: RJ, 2010, p.13-37.

CANEN, Ana; MOREIRA, Antônio, F. Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente. In: CANEN, Ana; MOREIRA, Antonio, F. *Ênfases e omissões no currículo*. Campinas: Papirus, 2001, p.15-44.

CAPELO, Maria Regina. Diversidade sociocultural na escola e a dialética da exclusão/ inclusão. In: GUSMÃO, Neusa M. de (Org.) **Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados**. São Paulo: Biruta, 2003, p.107-134

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FLEURI, Reinaldo M. Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educacionais. In: CANDAU, Vera M. (Org.). **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.67-81.

FLEURI, Reinaldo M. **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HINE, C. **Virtual ethnography**. London, SAGE Publications, 2000.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e as histórias da sua vida**, In: NÓVOA, A. (org.). *Vidas de Professores*. Porto: Porto, 1995, p.11-30.

OKADA, Alexandra. *Coaprendizagem via comunidades abertas de pesquisa, práticas e recursos educacionais*. **Ecurrículum**, 7, 1, Pontificia Universidade Católica PUC-SP, 2011. Disponível em: <http://people.kmi.open.ac.uk/ale/papers/Okada_ecurrículum11.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2014.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**: perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada**: das intenções à ação. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

PORLÁN, Rafael.; RIVERO, Ana. **El conocimiento de los profesores**. Sevilla: Díada, 1998.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODRIGUES, Sheyla Costa; MARASCHIN, Cleci; LAURINO, Débora Pereira. **Rede de conversação, formação de professores e tecnologias digitais**. Cadernos de Educação (UFPel), v.30, 2008, p.235-244.

SANTOS, Rosemary; SANTOS, Edméa. Oliveira. **Práticas multirreferenciais de educação online**: Expressões de uma Pesquisa. Revista Eletrônica de Educação (São Carlos), v.7, 2013, p.153-172.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antônio (coord.). **Os professores e a sua formação**. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; GAUTHIER, Clermont. **Formation des maîtres et contextes sociaux**. Paris: Presses universitaires de France, 1998.

THACKER, Eugene. **Networks, Swarms and Multitudes**. Disponível em: <<http://www.cttheory.net/articles.aspx?id=422>>. Publicado em 2004. Acesso em: 2 fev. 2014.

THURLER, Mônica Gather. Da avaliação dos professores à avaliação dos estabelecimentos escolares. In: PERRENOUD, Philippe et

al. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

THURLER, Mônica Gather. **Inovar no interior da escola.** Porto alegre: Artmed, 2001.

WATTS, Duncan J. Six Degrees. **The Science of a Connected Age.** New York: W.W. Norton & Company, 2003.

ZEICHNER, Kenneth. *Uma agenda de pesquisa para a formação docente.* **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente**, v.1, n.1, ago./dez. 2009, p. 13-40. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>>. Acesso em: 5 mar. 2014.